



Autobiografia

Meir Kucinski*

São Paulo, Brasil

Nasci em 1904, em Wloclavek, na Polônia, numa família de dez filhos. Meu pai era sapateiro, mas também um estudioso e prestava serviços como juiz para as demandas dos trabalhadores com os seus patrões. Nos anos de 1905 e 1906, ele organizou o *Poalei-Zion*, Trabalhadores de Sion, mas sem uma ideologia definida. O círculo era no estilo *beismedrash*, como uma escola, ou seja, uma oposição intuitiva contra os *Hoveei-Zion* da pretenciosa burguesia local. Nos anos 1917-1918, meu pai, Henech (Hanoch) Kucinski, retornou ao Partido e foi delegado na imponente reunião de Varsóvia, em 1918. De lá, ele voltou entusiasmado com o encontro com as grandes personalidades que fascinaram a população judaica: Zerubavel, Zalman Rubashov, Schiper e os poloneses: Scurek, Mullie, Lew. Contudo, mais tarde, com a radicalização do Partido, ele se afastou.

Meus primeiros passos na atividade social se realizaram na juventude bundista, participando no encontro de sua fundação em Varsóvia, em 1918. Mas, paulatinamente, fui sendo influenciado pelas ideias sionistas-socialistas, especialmente pelos escritos do professor Chaim Jitlovski, que li com sofreguidão. Percebi a pobreza ideológica do Bund e organizei um círculo dentro da *Zukunft* juvenil. Por fim, com minha amiga íntima Lea Lindwasser, deixei essa atividade e nos inscrevemos na juventude do *Poalei-Zion*. Nossa inscrição produziu uma grande impressão na cidade e trouxe consigo muitas dezenas de outros jovens. Minha amizade com David Gotesforcht, então um *yeshiva-bochur*, um estudante religioso, atraiu a ele também, que teve um papel relevante no movimento.

Minha primeira tarefa foi em Lódz, com mais cinco companheiros. Nós participamos do grande encontro do subsecretariado, preparado pelo companheiro *macabi*, Chaim Turner, falecido em Israel. Ele era um ardoroso ativista, visitando, a pé, os *shtetls* da vizinhança e organizando grupos de jovens.

O encontro foi interrompido pela polícia, que nos interrogou sem pena, e custou uma fortuna aos nossos amigos em Lódz. Só mediante pagamento, eles

* Escritor e professor. Nascido na Polônia, em 1904, emigrou para o Brasil em 1935, estabelecendo-se em São Paulo, onde faleceu em 1976.



nos libertaram. Na prisão, ficou só o delegado do Comitê Central, Abraão Freund.

Nesse encontro, vimos, pela primeira vez, a figura lendária de Mullie e, também, a Moshe Gershonovitch, o líder dos alfaiates de Lódz, que nos animou, dizendo que nada nos aconteceria. Tivemos, ainda, oportunidade de ouvir uma conferência de Mullie. Embora cansados, voltamos para as nossas cidades e, com entusiasmo redobrado, nos pusemos em atividade.

No primeiro encontro da juventude da *Poalei-Zion*, fui eleito para o comitê central. Lá, aproximei-me do *chaver*, companheiro, Yaakov Kener. Comecei colaborando na revista *Yungen Kemfer* (mais tarde chamada *Fraie Yugnt*) sobre temas da atualidade. Além disso, eu visitava todos os sábados os *shtetls* da região de Wloclavec. Visitei, também, como membro do comitê central, outras cidades como Schedletz, Wengrow, Csenstochov, Lublin, Nowo-Radomsk.

Nossa juventude em Wloclavec cresceu muito devido a uma ideia fantástica do secretário Perelberg (seu pai era líder dos sionistas-burgueses e redator do seu jornal). Nenhum de nós tinha a menor ideia sobre o que seria as "bombas de Knopush".

Eu fui advertido, em tempo, de uma futura "busca" da polícia e, secretamente, me transferi para Varsóvia. Não me encontrando, a polícia prendeu minhas duas irmãs Gitl e Yocheved, que também eram ativistas no movimento. As duas passaram alguns anos na prisão. Ambas foram vítimas do Holocausto.

Em Varsóvia, participei conspirativamente das atividades, sustentado por Yakov Kener. Entrementes, os amigos em Wloclavec, a custo de grandes somas que "engoliram" nossas duas cooperativas, conseguiram a permissão para que eu voltasse "legalmente" a Wloclavec.

O chefe da polícia recebeu o dinheiro, mas, quando voltei, fui logo posto na prisão. Também Perelberg continuava prisioneiro. Encontraram na sua residência uma quantidade de escritos meus: proclamações, artigos e questionários para serem preenchidos pelos *chaverim*. Entre as questões, havia uma em que se perguntava se aprovam os doze pontos do *Komintem*.

Depois de alguns meses na prisão, o Partido conseguiu minha libertação a custo de uma grande soma. Imediatamente, fui aprisionado novamente. A explicação era que o "material" estava nas mãos de um juiz para investigação. Dessa vez, fui obrigado a desfilar algemado na rua principal até a prisão, sob os olhares satisfeitos dos negociantes judeus.

Abriu-se, por fim, o processo. Eu fui acusado de "conduzir propaganda comunista nas linhas do partido *Poalei-Zion*, que faz parte do movimento comunista, embora não completamente, devido ao sionismo". Comigo, foram



condenados minha irmã Gitl e mais sete companheiros. Após três anos de prisão, Perelberg foi solto. Ele fugiu imediatamente para Danzig. Sua ausência não nos foi útil.

O partido conseguiu mobilizar uma boa defesa, pois havia o perigo que esse processo, o primeiro contra o *Poalei-Zion*, servisse de precedente a outros. Eu consegui questionar a autenticidade de minhas assinaturas no material apreendido, embora o *expert* de caligrafia viesse do Ministério em Varsóvia. Simplesmente, cuidei de escrever as letras hebraicas em outra inclinação do que de costume.

Chegou de Varsóvia um perito, Keller, que demonstrou grandes conhecimentos na história do Partido *Poalei-Zion* e a sua tendência para o comunismo. Depois de sua exposição, os advogados propuseram de seis a sete anos de prisão. O processo se prolongou por uma semana inteira e servia de espetáculo para os *balebatim* (vizinhos) judeus. Porém, meu truque com a assinatura e a dúvida se participamos na ameaça das bombas de *knopush*, as apelações patéticas, o Dr. Schwartz, de Cracóvia, e Okrent (*meshumad*, o converso) de Varsóvia, ajudaram. Fomos condenados somente a um ano e, somando as prisões anteriores, deu um total de dois anos para mim e para minha irmã Gitel. Os outros *chaverim* foram condenados a seis meses.

Após os veredictos, emigrei para Berlim, participando no grupo *Poalei-Zion* sob a direção de Eliezer Schulman, (falecido em Haifa) e o Dr. Gershon Gershuni. Também participavam Sarale Reznik, de Pink; Wais, da Galícia; e, particularmente, a viúva do nosso líder, Leon Hazanovitch. Em Berlim, ele publicou algumas correspondências que, mais tarde, saíram numa brochura intitulada: "A classe operária sob o terror da Polícia S. Tz.", em cooperação com Yosf Rozen.

Voltando para Wloclavec, encontrei fortes divergências, que culminaram na "divisão" ativista com Itzhak Lewin e Lazer Stolier. Abraão Freund continuava na liderança. Eu também participei dela e, nesse papel, cheguei ao Brasil, onde, imediatamente, me pus à disposição do grupo local dos *Poalei-Zion* da esquerda. Antes de imigrar para o Brasil, fui funcionário da juventude dos ativistas de Lódz e morava com Y. Stolarski.

No Brasil, onde não existia uma classe operária (judaica) organizada, minha atividade se transferiu para o terreno cultural e educacional. Trabalhei por vinte e três anos no Seminário Hebreu-Ídiche, como professor de literatura ídiche, até o fechamento da instituição. Fui delegado de São Paulo para o Congresso Internacional Cultural em Nova York em 1948. Único delegado de São Paulo ao "Congresso para a educação na Diáspora", em Jerusalém, em 1956, e, por fim,



após divergências desagradáveis no partido *Avodá*, recebi o mandato de servir como delegado do XXVIII Congresso Sionista em Jerusalém, em janeiro de 1972.

Particpei literariamente no *Volksblat*, sob a direção de Isaak Turkow. Publiquei um volume de contos, *Nusach Brasil*, pela Editora I. L. Peretz. Na mesma editora, preparei mais um volume. No concurso de ensaios da revista norte-americana *Zukunft*, recebi o primeiro prêmio pelo ensaio-narrativo "*Der Gibor*" (O herói). No último livro, *Brazilianish*, editado pela IWO argentina, na série "Obras-primas da Literatura Ídiche", foram publicados cinco de meus contos.

Sou membro do bureau político da *Avodá* local e conselheiro eleito da federação (*kehila*) das instituições judaicas.

Tradução: Dina Lida Kinoshita

Recebido em: 30/03/2019.

Aprovado em: 10/04/2019.